



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13370 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

COTIDIANO ESCOLAR, TERRITÓRIO, VIDA: BRINCADEIRAS E OUTROS TEMPOS...

Nathan Moretto Guzzo Fernandes - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Janete Magalhaes Carvalho - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

COTIDIANO ESCOLAR, TERRITÓRIO, VIDA: BRINCADEIRAS E OUTROS TEMPOS...

Resumo: A partir de uma “personagem conceitual”, a professorinha, este trabalho problematiza a força dos signos artísticos em geral, e, em particular, a pintura e o desenho para instigar aprendizagens inventivas no cotidiano escolar e potencializar a constituição de corpos coletivos. Utiliza como tática metodológica a cartografia para acompanhar os processos inventivos e de produção de subjetividade, engendrados no plano de forças da vida. Argumenta acerca da relevância de resistir, desde a educação infantil ao ensino superior, à interdição ao lúdico configurada pela simplificação escolar da polarização entre a seriedade do útil e a alegria do, aparentemente, inútil.

Palavras-chave: Cotidiano escolar; Signos Artísticos; Coletivos.

INTRODUÇÃO

Este trabalho, pretende evidenciar uma escola real em que a aprendizagem se faz com alegria do encontro entre alunos, docentes e pesquisadores. A narrativa foi feita usando como personagem conceitual uma Professorinha de uma escola pública de ensino fundamental, que surge nos entremeios da imanência dos currículos, relatando uma escola como experimentação de saberes, linguagens, afetos, ativamente produtora de modos de aprender e ensinar pensados de maneira antagônica à passividade exigida das crianças e professores nos currículos desenvolvidos nos cotidianos escolares.

Assim, descreve andanças de uma Professorinha entre alunos de terceiros e quartos anos. Como personagem conceitual, a Professorinha fala, atua, escreve pelos pesquisadores, docentes e diretoras envolvidos na crença de uma escola pública como corpo coletivo de aprendizagens de qualidade em espaços-tempos de alegria – como paixão que suscita agenciamentos de desejo de uma educação que provoca rebulição no pensamento e movimento no campo do real que escapem aos dogmatismos e nos ajudem a esperar outras escolas possíveis.

Para Deleuze & Guattari (1992) o amigo é um “traço de personagem conceitual” que tem a ver com “personagens psicossociais”. Sendo assim, o amigo autoapresenta e ganha vida com um determinado conceito, “manifestando territórios, desterritorializações, reterritorializações absolutas no pensamento” (p. 68). Dessa maneira, este trabalho também manifesta as experimentações de pensamentos como política de amizade.

Como tática metodológica, utiliza a “cartografia” (ROLNIK, 2006) para acompanhar os efeitos de experimentações em processos de aprendizagens. Em brincadeiras e outros tempos, toma-se pinturas brincantes de Cândido Portinari como disparadoras de movimentos de pensamentos e redes de conversações com as crianças. Pois para nossa professorinha, além das questões materiais enfrentadas no cotidiano escolar, é preciso também confutar a imaterialidade do mundo, isto é, a materialidade dos sonhos. Trata-se de pensar que “[...] a mente, bem como a terra, teria de ser descolonizada” (JANZ, 2008, p. 108).

Mas o que a Professorinha intenta pensar com tudo isso? Ela deseja problematizar, quais efeitos os signos artísticos, como a pintura e o desenho, provocam nas aprendizagens de alunos e professores das séries iniciais do ensino fundamental nos currículos realizados no plano de imanência dos cotidianos escolares, potencializando a constituição de corpos coletivos.

Para ela, habitar o mundo com imaginação e razão, permite propor outros modos de educar as crianças em contextos coletivos com sentido ético-estético e político. Sentidos esses, que evocam a noção de “aprendizagem como invenção” de mundos (KASTRUP, 2019), que ultrapassam o hábito e a reconhecimento tão marcados nos processos educativos. Nesse sentido, nossa professorinha objetiva favorecer a emergência de outras interrogações capazes de forjar rupturas em sua potência poética de produzir brechas, fendas nos discursos constituídos antes os modos institucionalizados de pensar como movimentar o pensamento de crianças em tempos e espaços de vida coletivos nos terceiros e quartos anos de uma escola de ensino fundamental situada na periferia.

BRINCADEIRAS

Nossa professorinha no desejo de colher frutos de um pomar crianceiro, apresenta pinturas de brincadeiras infantis criadas pelo artista brasileiro, Cândido Portinari. Desejosa de impulsionar a magia de sermos nós, sendo outros, concepção que reafirma o pensamento deleuze-guattariano (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 11) em que “como cada um de nós era

vários, já era muita gente”. As reflexões despertadas pela apreciação das obras de arte permitiram romper com hábitos instituídos de pensar a educação das infâncias ao favorecerem a resistência ao modo hegemônico de conceber e realizar a educação de crianças a partir de uma única forma escolar de promover experiências.

Brincadeiras. Invenção. Crianças. Pinturas. Essas obras são do Portinari. O que é isso? Acho que é uma ciranda! Essas brincadeiras são de antigamente. Por quê? Porque foram inventadas antigamente. Olha, estão fazendo capoeira. Não! Eles estão plantando bananeira! Eu gosto mais de brincar ao ar livre porque tem mais espaço para jogar bola. É igual na pintura, eles também estão brincando fora de casa.

- Dessas brincadeiras aí a gente gosta de balanço, roda, gangorra e de plantar bananeira!

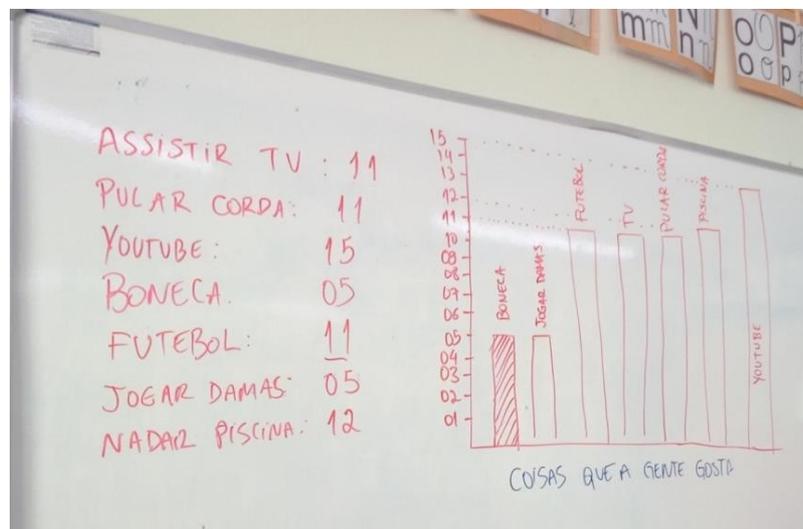
- Essa do pião e do estilingue são antigas!

- A gente brinca de pedra, papel e tesoura, par ou ímpar, dois ou um, adedonha, amarelinha e pique esconde.

- Na verdade, a gente gosta de vários tipos de piques.

As crianças definem em poucas palavras: brincadeira é da imaginação! Brinquedo é feito em máquina! A nossa professorinha propõe fazer uma listagem das brincadeiras que os estudantes mais participam e representar em gráfico:

Imagem 1 – Gráfico das brincadeiras em barra (4º ano)



Fonte: Arquivo da pesquisa (2023).

- Tia, mas isso aí é matemática? Nem parece!

- Eu nunca vi um gráfico.

- Ah, é isso! Eu gostei mais do de pizza, ficou mais fácil de enxergar no gráfico.

- Tia, eu não sei escrever!
- Mas, agora não precisa! A gente vai desenhar. Quero fazer um gráfico de estilos!
- Minha avó falou que menina brincar de boneca é normal, mas menino é uma vergonha!
- Não é vergonha porque tem boneco de menino e os pais cuidam dos seus filhos, não é?
- O meu não cuida!
- Opa! O gráfico apontou uma preferida: PIQUE! 20 votaram. E o que menos gostam? Ioiô, votado por 09 crianças. Pique é mais legal. Gostam mais de correr, movimentar-se, pular, subir, descer, pegar...

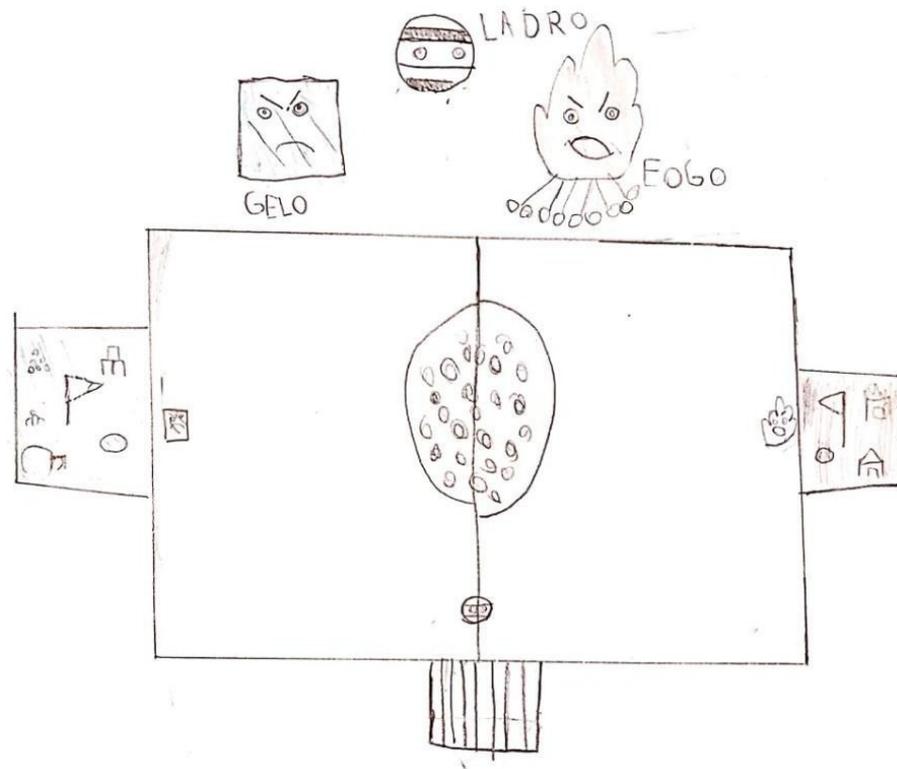
As redes se ampliam entre gráficos, brincadeiras e crianças:

- Tia, eu quero tirar foto!
- Eu também quero! Deixa eu, tia!

Inicialmente, as fotos eram dos trabalhos feitos pelas crianças: gráficos, desenhos no quadro, representações das brincadeiras preferidas, do gráfico colado na parede da sala... Eis que uma criança pega o celular e vai à frente da sala, mira a câmera para a turma e um novo movimento se desdobra: poses, dedos, línguas, caretas, crianças levantam, fazem gestos com as mãos, acenam... Pronto, a brincadeira virou tirar fotos da turma. Nada muito organizado, pelo contrário, as fotos mostram crianças eufóricas e alegres, umas em cima da outra. Vem, tia. Aparece também! E a beleza do registro estava na mistura dos corpos, dos sorrisos abertos e dos braços levantados para cima. Viva, era aula de matemática, lembra? Não, esqueci! Agora é aula de brincadeiras...

- Vamos inventar brincadeiras?
- Vamos!!!

Imagem 2 – Brincadeira de ladrão, gelo e fogo



Fonte: Arquivo da pesquisa (2023)

Imagem 3 – Brincadeira de arremesse o ovo



Fonte: Arquivo da pesquisa (2023).

Por uma educação descolonizadora, nossa professorinha buscou a com-vivência entre os saberes escolares, os saberes mundanos, os saberes ético-político-estéticos. E para descolonizar a vida e a infância é que nossa professorinha tentou por uma pedagogia flexível que cria e fortalece as práticas culturais presentes em nossa sociedade a partir de currículos cotidianos, defendendo e promovendo a valorização de conhecimentos múltiplos, corroborando com o respeito às diferenças.

OUTROS TEMPOS

O brincar é sempre uma experiência criadora e inventiva, uma experiência que consome um espaço e um tempo, configurando uma forma básica de viver. Essa experimentação diz respeito à criação e invenção nas artes e nas ciências. “[...] Afinal, a ciência e a arte são como margens de um mesmo rio”, pois a vida “[...] é tão extraordinária que só pode ser escrita juntando o rigor da ciência ao fulgor da arte” (COUTO, 2011, p. 60).

A tendência simplificadora dos processos de escolarização contemporâneos tem como alicerce a premissa pedagógica de desconfiar da seriedade da alegria e do divertimento nos processos singulares de aprender coletivamente a sentir, fazer, dizer e mostrar. Processos complexos de aprendizagem que exigem tanto o pensamento mágico mítico quanto o pensamento conceitual, já que ambos exigem operar ações de relacionar e repetir para aprender a decifrar e interpretar sentidos na convivência.

Se arte e ciência não se confundem, sendo irreduzíveis uma à outra. A professorinha ao buscar despir os “velhos jalecos” destaca para o pensamento educacional a relevância de resistir, desde a educação infantil ao ensino superior, à interdição ao lúdico configurada pela simplificação escolar da polarização entre a seriedade do útil e a alegria do, aparentemente, inútil.

REFERÊNCIAS

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano? e outras intervenções**. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GUATTARI, Felix; DELEUZE, Gilles. **O que é a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora, 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

JANZ, Bruce. A filosofia como se o lugar importasse. A situação da filosofia africana. In: CAREL, Havi; GAMEZ, David. **Filosofia contemporânea em ação**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Autêntica Editora, 2019.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

